

## A metamorfose como parentesco: os esquecimentos a partir do casulo de Emanuele Coccia

*A metamorphosis as kinship:  
the forgetfulness from the cocoon of Emanuele Coccia*

---

### Ribamar José de Oliveira Junior

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

### Iago Porfírio

Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Nanook, vinculado ao Laboratório de Análise Fílmica (LAF/POSCOM/UFBA).

### RESUMO

A partir da obra *Metamorfoses* de Emanuele Coccia, publicada em 2020 pela Editora Dantes, escrevemos esta resenha como quem se refugia em um casulo. Diante do pensamento do autor dentro de nós, apresentamos os cinco capítulos entre nascimentos, casulos, reencarnações, migrações e associações através da busca pela nossa metamorfose como um ciclo que se iniciou na repetição da própria vida. Assim, acreditamos que o argumento central da obra do filósofo italiano tece caminhos do estar junto pelas formas de parentesco por meio da metamorfose. Ao pensar no futuro como o pólen que pode ser infinitamente apropriado, fazemos da leitura uma reflexão sobre o por vir, sobretudo, pelo fato de que a nossa carne nunca deixará de mudar ao passo que somos um encontro multiespecífico. Escrevemos para esquecer, resenhamos para lembrar. Afinal, nós vivemos depressa e morremos com frequência no retorno de um só. Como os insetos, na leitura de Coccia, fazemos nosso ovo pós-natal.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Metamorfoses; Casulo; Parentesco; Emanuele Coccia.*

### ABSTRACT

From the work *Metamorfoses* by Emanuele Coccia, published in 2020 by Editora Dantes, we write this review as someone who takes refuge in a cocoon. Facing the author's thought within us, we present the five chapters between births, cocoons, reincarnations, migrations and associations through the search for our

metamorphosis as a cycle that began in the repetition of life itself. Thus, we believe that the central argument of the Italian philosopher's work weaves paths of being together through the forms of kinship through the metamorphosis. By thinking of the future as the pollen that can be infinitely appropriated, we make of the reading a reflection on the to come, above all, by the fact that our flesh will never stop changing while we are a multispecies encounter. We write to forget, we review to remember. After all, we live fast and die often in the return of one. Like insects, in Coccia's reading, we make our postnatal egg.

**KEYWORDS:** *Metamorphosis; Cocoon; Kinship; Emanuele Coccia.*

### RESUMEN

De la obra *Metamorfoses* de Emanuele Coccia, publicada en 2020 por Editora Dantes, escribimos esta reseña como quien se refugia en un capullo. Delante del pensamiento del autor dentro de nosotros, presentamos los cinco capítulos entre nacimientos, capullos, reencarnaciones, migraciones y asociaciones a través de la búsqueda de nuestra metamorfosis como un ciclo que comenzó en la repetición de la vida misma. Así, creemos que el argumento central de la obra del filósofo italiano teje caminos de ser juntos a través de las formas de parentesco mediante la metamorfosis. Al pensar en el futuro como el polen que se puede apropiarse infinitamente, hacemos de la lectura una reflexión sobre el porvenir, sobre todo, por el hecho de que nuestra carne nunca dejará de cambiar mientras seamos un encuentro multiespecie. Escribimos para olvidar, reseñamos para recordar. Al fin y al cabo, vivimos deprisa y morimos a menudo en el retorno de uno. Como los insectos, en la lectura de Coccia, hacemos nuestro huevo postnatal.

**PALABRAS CLAVE:** *Metamorfosis; Capullo; Parentesco; Emanuele Coccia.*

Submetido em 24 de Novembro de 2021

Aceito em 01 de Dezembro de 2021

## 1. Dos casulos aos ovos: nossas formas

Depois de emergir das metamorfoses a partir das reflexões de Coccia (2021), abrimos nossos álbuns de fotografia para reencontrar os esquecimentos do que fomos. Na obra *Metaformoses*, publicada em 2020 pela Editora Dantes, com tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad e revisão de Cesar Baumann, o filósofo italiano Emanuele Coccia, professor titular da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS) de Paris, traça um percurso entre os desenhos do artista paulistano Luiz Zerbini para pensar dentro de nós a partir das evidências

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 3, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27785

que preferimos esquecer. Ao trazer a metamorfose como o elo entre as espécies, o autor remenda a vida no novo corpo que sempre está por vir, como futuro que encarna na pele por uma nova forma de existência. Quando revemos nossas fotografias, vemos que todo *eu* é um esquecimento, ou seja, todo *eu* é um casulo entre dois rostos que refletem as formas de nós. Pela cor e na luz encarnada das fotografias, encontramos a sucessão de personagens que estavam prestes a dizer “eu”. Como uma reencarnação nesses corpos e nessas situações, certo dia acordamos de sonhos intranquilos, como Gregor Samsa na narrativa kafkiana que cheira a naftalina. Cada uma dessas formas expressam a mesma vida no lapso da mesma potência, onde o alfaiate do tempo somos nós em uma variação horizontal processada por uma domesticação de formas sucessivas, a agulha pode ser vista como a força, o tecido como o tempo e o sopro como amarração. O que esquecemos quando nos vemos?

Na introdução, Coccia começa da continuidade da vida que nunca se esgota em si. Não há um começo, apenas uma teia que se emaranha compondo o corpo e a experiência no ser. A vida do ser vivo não começa com seu nascimento, ela não vem de nós e foi transmitida por outrem que veio de outros pedaços de matéria além da que nos abriga, pois durante nove meses fomos o mesmo corpo, humores e átomos que nossa mãe. Se a vida começa antes do nascimento, ela termina bem depois da nossa morte como um prolongamento que se estende para outro lugar, sempre desconhecido, mas muito próximo. A própria humanidade, distante de um produto originário e autônomo, é uma metamorfose de uma vida anterior. Uma invenção que os primatas souberam extrair de seus próprios corpos, como uma experimentação e aposta feita por outras espécies, outras formas de vida, onde a evolução é uma mascarada que acontece no tempo e não no espaço, sendo a permissão para que toda espécie use uma nova máscara diante daquela que gerou. Aliás, o espaço-tempo pode ser visto apenas como uma das franjas desse retalho costurado entre espécies, por peças, linhas e órgãos, que cobre o que cada um de nós é: apenas um dos fios perdidos de uma malha sem fim.

Somos a costura de uma espécie que se faz como conjunto das técnicas que cada ser vivo tomou emprestado dos outros. A espécie não pode ser vista como uma entidade real, mas como um “jogo de vida” na linha da linguagem para o discurso, onde as configurações instáveis e necessariamente efêmeras de uma vida transitam e circulam para outra. Nunca estamos, pois para Coccia, sempre continuamos entre o vivo e o não vivo. Em uma bricolagem do mineral, a vida é sempre reencarnação que não para de multiplicar na mínima partícula de seu corpo díspar, como o confete do “carnaval da substância telúrica do planeta”, traduzida como Gaia, a Terra. Cada *eu* é um veículo que viaja de si no outro sendo um. No primeiro capítulo, chamado “Nascimentos”, encaramos a questão de que talvez esquecer tenha sido nossa única opção, pois somente assim abrimos espaço ao resto e criamos um vazio para tornar possível nossa experiência. Afinal, seria impossível dizer se o sopro que diz a sílaba “eu” nomeia nosso corpo ou aquele de onde saímos, tendo em vista que sempre transmitimos algo que não somos nós mesmos, pois o que chamamos de “nós” é um transmissor de matéria estrangeira, do passado ancestral ao futuro inimaginável. Toda criança seria um *eu* que se tornou irreconhecível. Como carne do mundo, somos toda uma parcela encarnada da Terra e da luz do Sol, definidos pelo nascer.

Nossa genealogia é, desse modo, cósmica: começa no escuro do nosso umbigo. Se nascer é ser natureza, o nascimento é migração e apropriação dos corpos, onde o natural não é essencial, mas sim experimental e artificial. Como uma curva da parte infinita do mundo materializada na memória do corpo que diz “eu” por uma força telúrica gestualizada. Cada nascimento é uma penetração em um corpo estranho que se faz carne na gemelaridade do cosmos. Através de uma gemação cósmica, nos vemos no outro em escala planetária por sermos natureza, ou seja, a continuidade de dois corpos que se afirmam na identificação com o outro. É interessante observar como Coccia escreve para nos lembrar que esquecemos. Dar à luz, seria desfazer a história e o tempo do presente a fim de construir o que seria uma pré-história artificial, técnica e cultural comum à mãe e ao filho. Inclusive, essa peregrinação ecoa no tempo como lastro da exclusão

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 - v. 24, n. 3, 2021  
DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27785

milênar das próprias mulheres nos espaços de fala e da arte, sendo o mistério do nascer ainda um tabu ao lado do culto aos mortos e do cultivo da memória da morte no mundo convencionado pelos homens amortizados. Se a multiplicidade é a verdade mais profunda da vida, o nascimento é a contração dos tempos entre o passado, presente e futuro.

A partir disso, dar à luz significa deixar a Terra passar pelo corpo e migrar para o outro lugar. Ainda assim, Coccia nos diz que a maternidade não é uma experiência limitada a apenas um gênero, pois não tem um vínculo propriamente fundamental com o feminino, haja vista que o nascimento faz a mãe e não o contrário, sendo apenas uma resultante desses processos em certos corpos. Além disso, observamos que a teologia cristã contribuiu para tornar o nascer impensável, levando em conta a relação de oposição da natureza com o nascimento. Como uma herança milênar, a liturgia do evangelho caracterizou o nascimento humano a partir do acontecimento extraordinário da natividade do deus que não se metamorfoseia, ou seja, do trabalho da mulher em torno do milagre. Porém, se Deus participa do nascimento, poderíamos pensar que o dogma cristão encarna em qualquer ser natural, ao passo que a metamorfose dos deuses seria a força que une os seres vivos uns aos outros nos tempos biológico, genético e carnal, traduzidos no poro da pele. Somos, antes de tudo, uma repetição de uma vida anterior, transfigurações do passado que carregam no DNA uma coleção de hieróglifos que culminam no destino da metamorfose que nunca para, sendo ela mesma espaço infinito da atividade do ser vivo que se choca com outro.

No segundo capítulo, chamado “Casulos”, talvez o mais importante da obra de Coccia, encontramos os refúgios dessas migrações. Ele conta que sempre sonhou em acordar e nada encontrar daquilo que achava que pertencia, como quem tem a força das lagartas e se envolve na seda de um casulo da existência mais próxima da morte. Diante de um mal-estar em torno do sentido da mudança, ele argumenta que fizemos do movimento e da transformação dois fetiches, onde tudo é feito para tornar a movimentação uma fantasia frente ao deslocamento da mesma vida em outro cenário. Assim, estamos acostumados a pensar a

transformação e a mudança nos modelos da conversão e da revolução, sem considerar a metamorfose uma potência que nos transforma para habitar diversas formas. O casulo, nesse contexto, é um instrumento de projeção de si fora dos limites do corpo anatômico, no limiar entre os estrangeiros e as identidades em suspensão temporária. Do dandismo anatômico dos insetos, encontramos a chave de leitura do pensamento do autor, sobretudo, pelo fato desses seres serem os “mestres da metamorfose”. Como um “atlas ao céu aberto”, a metamorfose é a disseminação de uma vida nos mundos em formas díspares que revela a quimera que somos na busca do nosso casulo como refúgio do esquecimento.

Desse casulo, encaramos a condição permanente do processo de nascimento como um inseto que é a forma de vida na qual o ovo não inicia, mas prolonga a existência. Na busca pelo refúgio acasulado fazemos nosso ovo pós-natal, assim como a vida dos insetos é a vida de um ovo que constrói ovos, metamorfosear quer dizer ter força de fazer do corpo um ovo capaz de transmitir o *eu* como reescrita da relação entre o passado e o futuro. Dessa forma, não nos separamos da nossa infância, contraímos os tempos além da juventude e da velhice, observamos esses períodos como forças que coabitam o instante da vida. A metamorfose seria apenas o ciclo dos diferentes rejuvenescimentos como uma água-viva que possui a graça de ter uma vida potencialmente infinita. “As metamorfoses são os dias onde tudo se parece com violência: aqueles em que os golpes que infligimos a nós mesmos parecem mais duros que os que o mundo pode nos enviar” (Coccia, 2020, p.62). A vida é como o esquecimento do corpo e da própria história, na construção do ovo a partir do casulo que formamos quando buscamos nós mesmos na fabricação do que somos.

## 2. O corpo veículo: nossas migrações

Dando sequência ao debate da natureza compósita dos corpos que nascem e se constituem a partir da junção de outros seres e que remetem às formas preexistentes, Coccia enfatiza no terceiro capítulo as “Reencarnações” que ocorrem

com o ato da alimentação como uma contemplação da vida em sua “universalidade mais assustadora”. Desse modo, os seres vivos e não vivos se constituem a partir da existência de outras espécies que são extraídas em seus pedaços para comporem uma vida que está em constante deslocamento e transformação, sobretudo, tecendo fios que caracterizam de modo inerente a natureza humana, de maneira a multiplicar as formas de existir. Nesse sentido, a vida sempre reencarna o não vivo e perfila as formas de criação a partir da junção de outras vidas. Nessa direção, para Coccia o gesto de comer é, por assim dizer, o efeito de viver uma outra vida e de estabelecer uma relação com uma outra existência que dará forma ao nosso corpo. Ao nos alimentarmos, tornamo-nos outro a partir de outras espécies que se alimentaram.

Reside aí, de modo similar à teoria da evolução, a metamorfose que configura dois corpos em uma única vida, inserida dentro de nós e no nosso cotidiano pelo metabolismo elementar e comum a todo ser vivo no planeta. O que interessa ao autor nesse terceiro capítulo é justamente pensar como o nosso corpo é consequência de uma composição feita a partir de outros corpos e outras existências, não em uma versão única e sim em uma versão de “corrente de transformação”. Refletindo essa questão junto ao pensamento ecológico, a morte não é um fim em si mesmo, mas uma vida em continuação que se metamorfoseia, onde mudamos de espécie e derivamos de outros modos de existência. Tanto o nosso cadáver como a nossa vida são meios compelidos de migração que mudam de forma como a carne que sempre se volta pelo destino.

Assim, Coccia provoca um debate quanto à “transmigração” e à reencarnação do corpo humano e de vidas que precedem a nossa existência, sempre de modo diferente, pois a metamorfose impõe uma reciclagem que impede o “retorno ao idêntico”. Com efeito, somos “uma grande empresa de reciclagem”. Assim, os não vivos com os quais sempre estamos estabelecendo relações se apresentam em diferentes regimes de existência, em função das mutações que se prestam para a elaboração de novos corpos, pois, se somos reencarnações de vidas precedentes, o mesmo se aplica às espécies que são a “metamorfose de todas

aqueles que vieram antes dela”. Essa multiplicidade é a porta de entrada para o quarto capítulo, intitulado “Migrações”, onde ele argumenta que o planeta é o “sujeito da metamorfose”. Desse modo, as condições de estar no mundo, em que o ciclo da vida é a mutação, refletem constantemente uma condição de migração nesse processo de multiplicação. O mundo é, então, um “corpo à deriva”. Nesse sentido, são as relações compartilhadas com essa multiplicidade dos corpos, das vidas e dos mundos entre humanos e não humanos que reproduzem uma nova “configuração planetária” como efeito dessa “relação metamórfica”. O autor nos mostra que a consequência desse processo é o “corpo-veículo” que torna possível o movimento e a migração planetária.

Preocupado como se localiza a esfera do não-humano na ecologia, Coccia lança mão da metáfora da arca, na qual transitam seres vivos e não vivos em uma suposta humanidade compartilhada que aponta para uma associação ao paradigma doméstico de construção de um espaço universal. Se coexistimos todos juntos enquanto arca, somos como veículo e planetas uns para os outros. Por um lado, estamos todos em casa em pedaços de Gaia que se relacionam mutuamente. Por outro lado, o caminho é descentrar o espaço no qual coabitam os seres, pois eles nunca têm casa própria e os lugares nunca serão suas casas. Para Coccia, na esteira de Henri Lecoq, a sociabilidade e as mutações das espécies condicionam a migração, a mudança e a transformação do lugar. A partir daí, constitui-se a cidade multiespecífica, ponto de debate do quinto capítulo, chamado de “Associações”. A questão central, em tudo isso, é que os seres humanos são reencarnações diárias, evidenciadas pela alimentação do corpo de diferentes seres vivos. Por essa razão, o autor levanta uma discussão sobre a importância das espécies vegetais nesse processo construtivo e compósito do mundo. Nesse contexto brota a gênese do mundo, como um produto da agricultura e da pecuária cósmicas que carregam memórias e experiências de outras espécies, como as plantas, os animais, as bactérias, os fungos, e todos os seus processos de formas de vida, descentrando o humano. Um dos exemplos paradigmáticos para argumentar o que Coccia chama de “arquitetura interespecífica” é o metabolismo das plantas.

Enquanto escrevemos, um pequeno besouro caminha na tela do computador fazendo do branco da página o espelho do pensamento que habita entre nós. Sinceramente, se Coccia não tivesse despertado o sonho em nós de que podemos não pertencer, talvez não nos víssemos no lastreio lento desse besouro. Em uma das pontas dessa costura sobre técnica, artefato e corpo, Coccia usa a sua agulha para fazer dos retalhos tipos de parentescos nos modos de vida. Como podemos ler, o diálogo com Bruno Latour e as conversas com Agamben, além das vastas interlocuções com diversos autores, destacadas pelo filósofo nos agradecimentos da obra, compuseram o caminho de Emanuele Coccia que faz da escrita uma continuidade. A citação de Haraway (2016) nos lembra que talvez ficar com o problema seja encarar que somos metamorfoses, mesmo tendo diversas entradas para pensar nosso destino, a exemplo de Tsing (2015) com os cogumelos como espécies companheiras. O fim do mundo para Ailton Krenak e as metafísicas canibais de Eduardo Viveiros de Castro aparecem no livro como perspectivas próximas de nós para pensar as metamorfoses. Porém, Coccia não precisa ir muito longe para apreender a sua metamorfose. Ele dedica o livro à sua filha Colette que veio ao mundo há cinco anos e conhece todos os segredos da metamorfose, revelando para Coccia como continuar. O besouro escreve na página em branco, nós escrevemos através do besouro. Suas pequenas asas nos lembram que ele pode mesmo ser nós, efêmero e leve, como asas leves que pousam.

### Referências bibliográficas

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

TSING, Anna. *The mushroom at the end of the world*. Princeton: Princeton University Press, 2015.